

Um belo dia resolvi mudar: uma análise dos usos da microconstrução 'um belo dia' no português brasileiro

Um belo dia I decided to change:
an analysis of microconstruction uses 'um belo dia' in Brazilian Portuguese

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.15395>

Vânia Cristina Casseb-Galvão

Professora Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Pós-doutorado pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (Lisboa/PT/2010) e pela UFPa (2015-2017), doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Professora permanente do programa de pós-graduação Letras e Linguística da UFG. Professora permanente convidada do programa de pós-graduação em Linguística, Letras e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás.

E-mail: vaniacassebgalvao@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6952-6623>

Michele Denise da Silva

Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás, em 2017. Licenciada em Letras - Habilitação Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Mato Grosso, 2010. Especialista em Língua Portuguesa pela mesma Universidade, 2011. Professora efetiva da Educação Básica do Estado de Mato Grosso.

E-mail: micheletrr@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2968-048X>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a microconstrução “um belo dia” a partir da perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Orienta a análise a hipótese de que, no português brasileiro, os usos da microconstrução “um belo dia” configuram um processo de mudança: expressa linguisticamente um conceito mais concreto, relativo à organização sentencial básica, e um conceito mais abstrato, relativo ao nível textual, auxiliando na macro-organização da narrativa. Os dados integram o *Corpus* do Português, o Projeto Fala Goiana e do D&G – Grupo Discurso e Gramática– e foram analisados em uma perspectiva pancrônica.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções, “um belo dia”. Mudança construcional. Perspectiva pancrônica.

ABSTRACT

This article aims to describe and analyse the microconstruction “um belo dia” (“a beautiful day”) from the theoretical perspective of Usage-Based Functional Linguistics. The analysis is guided by the hypothesis that in Brazilian Portuguese the uses of microconstruction “um belo dia” (“a beautiful day”) constitute a process of change, since it expresses linguistically a more concrete concept, it is active in the basic sentence organization and also configures a more abstract use, at the textual level, at the macro-organization of the narrative. The data integrates the “Corpus do Português”, “Projeto Fala Goiana” and “Grupo Discurso e Gramática”. The analysis is in panchronic orientation.

Keywords: Usage Based Linguistics. Construction Grammar. “um belo dia”. Constructional change. Panchronic perspective.

Considerações Iniciais

Neste artigo, descrevemos e analisamos os usos da microconstrução “um belo dia” no português brasileiro contemporâneo na perspectiva da Gramática de Construções. O principal objetivo é analisar essa microconstrução a partir da distinção de suas propriedades sintática, morfológica, fonológica, semântica, pragmática e discursivo-funcional (CROFT, 2001), a fim de comprovar a hipótese de que os usos que ela atualiza configuram um processo de mudança linguística.

Autores de referência da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) fornecem as bases teóricas para a análise. Essa perspectiva descritivista favorece o estudo da linguagem a partir de situações comunicativas específicas, o que torna possível perceber as especificidades do uso da língua e a riqueza da diversidade linguística. As reflexões e postulações de Croft (2001), Diewald (2002), Furtado da Cunha (2013), Goldberg e Jackendoff (2004), Martelotta (2011), Rios de Oliveira (2012), Traugott e Trousdale (2013), entre outros, nos ajudam a compreender a estruturação dessa microconstrução e o formato da rede construcional que ela integra, considerando que, nessa perspectiva de análise, a língua é concebida como um sistema de entidades cognitivamente interconectadas.

A análise se justifica porque a microconstrução “um belo dia” é polissêmica e exerce diferentes funções no Português Brasileiro (PB), como demonstram as ocorrências a seguir:

- (1) [...] Mestre Cosme armara-lhe uma rede no alpendre e fora-se a desbastar a mata, escanchado na Coruja. Fazia **um belo dia** de sol, calmo e luminoso. O arvoredor imóvel dormitava na esplêndida pulverização da luz que o narcotizava para beber-lhe a seiva. O passaredo aninhava-se na verde espessura dos cajueiros em flor, contubernal e gárrulo; rolas bravas debicavam nas clareiras os minúsculos diamantes que o sol punha na areia. E no silêncio e na beatitude daquela espécie de eremitério João pôde dormir um sono bom de duas horas, embalado pelos gemidos da afillhada como por um vago e monótono estribilho trespassado de melancolia. Às sete horas da (A normalista, Adolfo Caminha, *Corpus do Português*, século XIX).
- (2) [...] Este, um temperamental, **um belo dia** cansou de tantos estudos, cálculos, tabelas, orçamentos, índices contraditórios, estatísticas expurgadas e planos mirabolantes, ainda mais quando se aproximavam eleições para o Congresso e o seu serviço de informações o advertira da crescente impopularidade do governo: convocou uma reunião ministerial, exigindo a presença de todos os titulares [...] (A greve dos desempregados, Luiz Beltrão, *Corpus do Português*, século XX).

“Um belo dia” exerce funções sintáticas e semânticas diferentes nas duas instanciações. Em (1), ele ocorre junto a um verbo apresentacional, constitui um sintagma nominal, como o verbo apresentacional não tem carga predicativa, “um belo dia” exerce uma função gramatical, não marcada e atua em uma sequência descritiva. Já em (2), essa microconstrução está fora de uma organização sentencial básica, não aparece no contexto de um verbo apresentacional, e parece auxiliar na organização textual.

Nossa hipótese é a de que os usos polissêmicos dessa microconstrução no PB configuram uma mudança construcional já estabelecida, por isso, a análise dos dados parte de usos verificados no PB do século XXI para usos relativos aos séculos XX e XIX. E, considerando que, segundo Traugott e Trousdale (2013), a mudança no âmbito da construção ocorre por micropassos, a ideia é confirmar a implementação dessa mudança e descrever os usos que a representam. Para isso, tentamos responder as seguintes perguntas:

- (1) Quais são os contextos de produtividade dessa microconstrução (DIEWALD, 2002)?
- (2) A partir desses contextos, como se configura o possível *continuum* de mudança de “um belo dia”?
- (3) Considerando-se os fatores hierárquicos de mudança, previstos por Traugott e Trousdale (2013), que tipo de mudança o processo desenvolvido por “um belo dia” configura?

Os dados em análise neste artigo integram o *Corpus* do Português, o *Corpus* do Projeto Fala Goiana e o *Corpus* do grupo Discurso e Gramática. A análise será promovida em perspectiva pancrônica, atentando-se para os usos da microconstrução no português contemporâneo e perseguindo-se a implementação da mudança ao longo dos séculos de formação do PB (XIX, XX, XXI). Essa é uma orientação de análise cada vez mais frequente no âmbito dos estudos funcionalistas e, segundo Furtado da Cunha, Rios de Oliveira e Votre (1999), há um consenso de que a interação e a interdependência entre sincronia e diacronia é central para o estudo de processos de mudança linguística.

Mais especificamente, pretendemos analisar e descrever a constituição, a funcionalidade e o tipo de mudança relativos aos usos da microconstrução “um belo dia”, apresentar as frequências *type* e *token* e esboçar a rede construcional dos usos de “um belo dia”. A partir de Traugott e Trousdale (2013), a frequência *type* é entendida como a frequência de um padrão em particular. No estudo de um processo de mudança, a frequência *type* é útil para distinguir os diferentes significados de uma

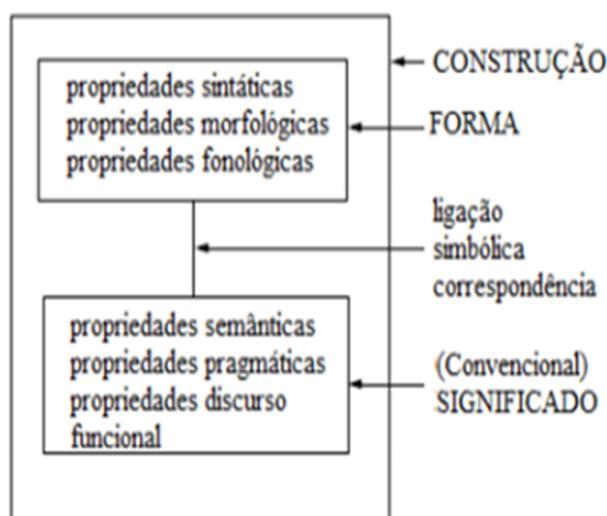
forma. A frequência *token* é relativa à frequência de ocorrências, isto é, ao número de ocorrências de uma unidade empiricamente atestada. A frequência *token* é o foco desta pesquisa.

Para isso, apresentamos brevemente alguns postulados teóricos relevantes para responder às perguntas de pesquisa, algumas informações metodológicas básicas; distinguimos os parâmetros e os resultados da análise e, ao final, tecemos algumas considerações acerca da relevância desse processo para a constituição e a funcionalidade do PB.

Princípios teóricos

Um postulado teórico importante para a análise decorre da teoria da Gramática de Construções Radical (CROFT, 2001) e diz respeito à explicação da estrutura construcional simbólica, conforme explicita a figura 1, a seguir.

Figura 1 - Modelo da estrutura simbólica de uma Gramática de Construção Radical.



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Para Croft (2001), uma construção é constituída pelo pareamento de forma e significado. A forma comporta elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos. O significado comporta componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcional. Entre forma e significado, há um elo, uma correspondência simbólica que torna possível haver mudanças tanto em um quanto noutro elemento do par. Com esse esquema, Croft (2001) demonstra como a forma é perfeitamente adequada ao significado.

Além disso, ele entende as construções como unidades fundamentalmente simbólicas, ou seja, são unidades porque são constituídas por um entrincheiramento de forma e significado e simbólicas por serem uma representação cognitiva. Nessa concepção, “significado” traz os aspectos convencionalizados, incluindo: os componentes semânticos da situação descrita pelo enunciado; o

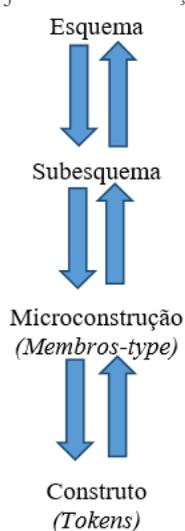
conteúdo; os papéis semânticos; as propriedades do discurso em que os enunciados se constituem por meio dos elementos que contribuem para a progressão temática do texto, além de trazer relações que refletem aspectos conceituais, representacionais e informacionais das representações compartilhadas discursivamente. “Significado” abarca também os componentes pragmáticos, relativos aos interlocutores, que irão transmitir a intersubjetividade, subjetividade, objetividade, entre outros aspectos.

Na Gramática de Construções, mais especificamente na vertente funcional-cognitivista, a língua é compreendida como um sistema organizado hierarquicamente em esquema, subesquema e microconstrução. Traugott e Trousdale (2013) atrelam essa hierarquia a fatores como esquematicidade, produtividade e composicionalidade, relativos aos tipos e às fases da mudança linguística.

Esquema, subesquema e microconstrução não são dimensões absolutas e podem ter alterações ao longo do tempo. A microconstrução é um membro-*type* de um esquema mais abstrato e é instanciada no uso pelos construtos, para entender cada distinção hierárquica, é necessário recorrer à noção de construtos, que são *tokens* distintos no uso da língua em uma situação comunicativa particular. Os construtos são ricos e apresentam significado pragmático relevante. Eles são o lócus da inovação individual e da convencionalização subsequente, podem ser falados ou escritos e ajudam a moldar a representação mental da linguagem (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Portanto, a esquematicidade da língua se refere a níveis de generalizações ou especificações e é bidirecional. A figura a seguir traz setas para cima para exemplificar a abstração, a generalização e uma relação hierárquica entre as construções. As setas para baixo indicam que a mudança acontece por analogização: um esquema virtual fornece subsídios para criação de novos usos linguísticos.

Figura 2 - Trajetória da mudança construcional.



Fonte: Baseada em Traugott (2008).

Em uma construção, a esquematicidade pode revelar padrões mais gerais de abstração e pode ser identificada por meio dos *slots* que são espaços abertos que podem ser preenchidos por novas construções. Assim, quanto mais esquemática for uma construção, mais abstrata ela é e mais construções podem preencher os *slots* abertos em uma construção.

A produtividade é gradiente e diz respeito à frequência da construção. A produtividade refere-se a esquemas parciais e diz respeito a: i) capacidade de extensão dos esquemas quando sancionam construções menos esquemáticas (BARÖDDAL, 2008 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17); ii) limitação desses esquemas por construções menos esquemáticas (BOAS, 2008 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17)¹.

Traugott e Trousdale (2013) explicam produtividade pela frequência *type* e *token*. Os autores definem a frequência *type* como a frequência da construção e a frequência *token* como a frequência do construto. Frequência *type* e frequência *token* não são compatíveis, porque podem ter vários usos (*tokens*) com poucos modelos (*type*) ou vários modelos com poucos usos. Além disso, a produtividade não é previsível, podendo ter um padrão não produtivo por muito tempo e um padrão produtivo de curta duração. Exemplos de usos em frequência *type* seriam *pois não*, *pois bem* que fazem parte do esquema *pois x* (LÔBO, 2017).

A composicionalidade é distinta semanticamente via sintaxe, ou seja, ao se produzir uma sequência sintática convencional, composicional, o ouvinte compreende o significado de cada parte, formando assim o significado do todo. Em construções não composicionais, não há como se depreender o significado do todo pela soma das partes, porque, conforme Traugott e Trousdale (2013), elas formam um *chunking*, uma vinculação tal entre os componentes linguísticos de uma construção de modo que o significado não pode ser recuperado pela soma das partes.

Quando a construção é menos composicional, não há mais a possibilidade de inserção, inversão e/ou substituição de qualquer material linguístico. Em algumas situações, porém, há a possibilidade de verificação de parte do significado. Um exemplo em português é a construção *sei lá*, que não possibilita a distinção significativa das partes, somente do todo. O verbo *saber*, no entanto, é mais recuperável do que o *lá*, que já está mais “desbotado” semanticamente e apresenta significado negativo (OLIVEIRA; SANTOS, 2011).

A composicionalidade diz respeito, portanto, à transparência da relação entre a forma e o significado de uma construção, isto é, ao grau de aproximação da forma e sua correspondência

¹ It pertains to (partial) schemas and concerns i) their ‘extensibility’ (Baröddal 2008), the extent to which they sanction other less schematic constructions, and ii) the extent to which they are constrained (Boas 2008, apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17).

semântica. Quanto maior o *slot* de uma construção, menor a correspondência entre forma e significado, pois haverá mais abstração. Quanto menor a abstração, maior a composicionalidade.

Os micropassos de uma mudança podem ser vistos de maneira gradiente a partir da análise não linear dos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, pois uma mudança linguística é gerada por meio de novas representações mentais a partir de alguma construção já existente. Um dos mecanismos para isso é o pensamento analógico, que pode ser percebido em uma análise diacrônica dos usos da língua, por exemplo. Quanto maior a esquematicidade e a produtividade e menor a composicionalidade, a mudança está mais próxima de ser consolidada.

Outro parâmetro relevante para a análise dos passos de mudança de uma construção está relacionado ao que Diewald (2002) que nomeia de estágios de gramaticalização de contexto. Dessa maneira, uma construção lexical configura um contexto típico, é usada no seu sentido mais objetivo; o primeiro estágio do processo de gramaticalização é reconhecido como contexto atípico; o segundo estágio é o contexto crítico e o último, o contexto de isolamento. No quadro a seguir, é possível verificar a principal característica de cada contexto em um processo de gramaticalização:

Quadro 1 - Tipos de contextos.

CONTEXTO TÍPICO	→	VALOR LEXICAL
.....		
CONTEXTO ATÍPICO	→	POLISSEMIAS
CONTEXTO CRÍTICO	→	VALOR GRAMATICAL
CONTEXTO DE ISOLAMENTO	→	GRAMATICALIZAÇÃO

Fonte: Adaptado de Diewald (2002).

Em um caso prototípico de gramaticalização, o contexto típico é aquele em que a construção é conceitual e, portanto, mais ligada ao léxico. O contexto atípico diz respeito à primeira fase do processo de gramaticalização, quando a construção apresenta uma expansão de usos, ou seja, a construção começa a ser usada em contextos não esperados. Nesse processo, o novo significado pode ser gramaticalizado, surge como uma implicatura conversacional, isto é, esse significado é contextual e pragmaticamente acionado e não é explicitamente codificado no próprio item linguístico. Contextos atípicos podem persistir após a gramaticalização.

A segunda fase é a ativação efetiva do processo de gramaticalização, o chamado contexto crítico: a construção apresenta opacidade estrutural e múltiplos significados, o que torna possível a existência de várias interpretações, entre elas, aquele relativo ao novo significado gramatical. As funções de contextos críticos são estimulantes para a gramaticalização, mas permanecem apenas nessa fase e desaparecem no estágio posterior.

A última fase é o contexto de isolamento, de instauração da gramaticalização, quando ocorre a distinção clara de dois significados: o novo significado gramatical, em oposição a um significado mais lexical, provavelmente, mais antigo no sistema da língua. Assim, tem-se duas construções distintas e essas construções terão contextos linguísticos específicos de ocorrência, não acontecem no mesmo ambiente e são co-ocorrentes no sistema.

Esses postulados teóricos são básicos para a análise construcional de “um belo dia”, interesse originado na observação do caráter polissêmico dessa microconstrução que, na linguagem cotidiana, revela funções, sentidos e contextos de produtividade variados.

Aspectos metodológicos

Este estudo pretende apresentar uma análise sistematizada do processo de mudança da microconstrução “um belo dia”, e para isso elegemos como *corpora* o *Corpus* do Português, o *Corpus* do projeto Fala Goiana e o *Corpus* do grupo Discurso e Gramática (D&G).

A escolha desses *corpora* foi feita porque em uma observação inicial, percebeu-se que a sequência narrativa é a mais propícia para o uso dessa microconstrução e, portanto, esses *corpora* são os mais adequados para a nossa proposta, pois todos são ricos em usos da língua que contemplam o ato de narrar, ou seja, de contar um fato real ou não, ocorrido com certos personagens, em um determinado tempo e espaço. Logo, oferecem uma gama de informações a respeito da forma e da funcionalidade das sequências narrativas e também dos usos de acepção mais concreta dessa construção, o que favorece bem a visibilidade do processo de mudança.

O *Corpus* do Português pode ser acessado pelo link <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>. Ele foi criado por Mark Davies, professor de linguística da Universidade Brigham Young, dos Estados Unidos e por Michael Ferreira, pesquisador da Universidade de Georgetown, também dos Estados Unidos. Esse *Corpus* é constituído por 45 milhões de palavras e é composto de 57 mil textos produzidos entre os séculos XIV e XX.

Mais especificamente, esse *corpus* nos permite realizar a pesquisa desde o século XIV até o século XX, sendo que os dados dos séculos XIV e XV são do português de Portugal. Os dados do século XVI até o XIX são do português do Brasil e de Portugal, línguas que somente podem ser distintas depois da seleção das ocorrências. Já para o século XX, os dados do Brasil e os de Portugal são previamente distintos no *corpus*.

O *Corpus* Fala Goiana foi constituído para fornecer dados para o projeto “O português contemporâneo falado em Goiás – Fala Goiana”, desenvolvido por pesquisadores do Grupo de Estudos Funcionalistas da Faculdade de Letras da UFG. O *Corpus* pode ser acessado pelo link

<https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>. Ele é composto por entrevistas em situações interativas estimuladas por pesquisadores participantes do projeto (BARROS, 2011).

O *Corpus* é constituído por dados do português falado em Goiás e é composto por amostras de duas comunidades de fala: Goiânia e Goiás (cidade). No total, o *corpus* documenta a fala de 21 informantes, sendo nove homens e 12 mulheres. Quanto à época de coleta dos dados, as entrevistas podem ser divididas em dois blocos: os da Cidade de Goiás, gravados e transcritos no ano de 2005, e os de Goiânia, que foram gravados e transcritos entre 2010 e 2011.

O *Corpus* Discurso & Gramática (D&G) foi organizado a partir de amostras de língua falada e escrita com participantes em cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande (RN), Juiz de Fora e Niterói. Ele pode ser acessado pelo link <http://www.discursoegramatica.letras.ufjf.br> e foi coletado na década de 1990. É composto por dados de 20 informantes da cidade de Natal, 18 informantes da cidade de Niterói, 20 informantes da cidade de Juiz de Fora, 93 da cidade do Rio de Janeiro e 20 informantes da cidade de Rio Grande (RN). Quanto ao grau de escolarização, o *Corpus* é formado por: a) estudantes de alfabetização infantil; b) estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental; c) estudantes da 8ª série do Ensino Fundamental; d) estudantes a 3ª série do Ensino Médio; e) estudantes do último ano do Ensino Superior.

Análise dos dados

A fim de atingir os objetivos pretendidos, distinguimos os contextos de produtividade, a partir de Diewald (2012), e as redes construcionais hierárquicas da microconstrução “um belo dia”, com base em Traugott; Trousdale (2013).

Contextos de produtividade da microconstrução “um belo dia”

Contexto típico

Conforme Diewald (2002), em um processo prototípico de gramaticalização, o contexto típico será aquele em que a construção é conceitual e, portanto, mais ligada ao léxico.

Em uma análise qualitativa e quantitativa, consideramos os seguintes parâmetros para distinguir os contextos de uso dessa construção: posição na oração, sequência textual em que aparece, função sintática do construto e valor semântico de cada uso. O resultado quantitativo dessa análise do uso mais concreto consta na tabela a seguir.

Tabela 1 - Tabela contexto típico.

Contexto Típico – Total de ocorrências 7		
Parâmetro	Critérios de análise	Total
Posição na oração	Pré-verbal	1
	Pós-verbal	6
Sequência textual	Narrativa	4
	Descritiva	3
Função sintática	Sintagma nominal	2
	Adjunto adverbial	5
Valor Semântico	Sentido lexical, menos abstratizado, faz referência física, espaço-temporal.	

Quanto ao primeiro critério de análise, “posição na oração”, o construto “um belo dia” em seu uso típico tende a aparecer posposto ao verbo. Um exemplo disso é a ocorrência a seguir, na qual “um belo dia” exerce a função de predicativo do sujeito “a sexta-feira”:

- (3) Esta semana foi muito angustiante? O sr. dormiu mal? Lopes - Confesso que quinta-feira (quando o BC decidiu dobrar os juros) fui dormir preocupado. Ficava me revirando na cama, levantava, bebia um copo de água, voltava. As avaliações do mercado para o dia seguinte eram as mais pessimistas. Dizia-se que o crédito ao consumidor ia parar, que o comércio não conseguiria mais vender veículos, eletrodomésticos. Mas a preocupação foi totalmente desfeita. O mercado reagiu melhor do que eu imaginava. O incêndio foi debelado. A sexta-feira foi **um belo dia**. Estado - E o início da semana? Lopes - Tenso. Na terça-feira, com a queda nas bolsas, entregamos reservas e avaliamos que a situação se acalmaria. Mas sempre fica a dúvida. A intenção era recomprar os dólares na quarta-feira. Não recomparamos e veio a convicção de que a saída seria aumentar os juros. Na noite de quarta para quinta-feira também dormi muito mal, preocupado, angustiado. Na quinta-feira, reunimos o Comitê de Política Monetária (Copom), discutimos. Foi então que (Francisco Lopes, *Corpus do Português*, século XX).

Em relação ao parâmetro de análise, “sequência textual”, esse construto apresentou usos tanto em sequência narrativa quanto em sequência descritiva, aparecendo conjuntamente a outros fatos da cena apresentacional do discurso narrativo, como, por exemplo, informações sobre o espaço.

Em relação à “função sintática”, o construto “um belo dia” pode constituir um sintagma nominal predicativo do sujeito ou funcionar como adjunto adverbial, expressando tempo, com função descritiva, e pode aparecer acompanhando qualquer tipo de verbo.

Semanticamente, o construto exerce uma função lexical, fazendo referência ao mundo real e físico.

Todas as ocorrências nesse contexto foram encontradas no *Corpus* do Português. Os outros *corpora* não registraram ocorrência de uso nesse contexto. A seguir, apresentamos as características do contexto atípico que, de um modo geral, é altamente polissêmico, e, por isso mesmo, representa uma espécie de gatilho de mudança.

Contexto atípico

Segundo Diewald (2002), nesse contexto o novo significado pode ser gramaticalizado e surgir como uma implicatura conversacional, isto é, esse significado é contextual e pragmaticamente acionado e não é explicitamente codificado no próprio item linguístico. A seguir trazemos a tabela com os resultados da aplicação de parâmetros de análise desse contexto, considerando os níveis de organização.

Tabela 2 - Tabela contexto atípico.

Contexto Atípico – Total de ocorrências 15		
Parâmetro		Total
Posição na oração	Pré-verbal	03
	Pós-verbal	12
Sequência textual	Narrativa	14
	Descritiva	01
Função sintática	Sintagma nominal	00
	Adjunto adverbial	15
Valor Semântico	Sentido + ou - abstratizado, apresenta uma referência descritiva, mas também uma referência textual (abstrata), ligada ao tempo impreciso. Assumindo assim uma função polissêmica.	

Em relação ao primeiro critério, “posição na oração”, no contexto atípico, o construto “um belo dia” aparece predominantemente posposto ao verbo.

Quanto à sequência textual, o construto aparece mais em sequências narrativas, apresentando informações sobre o tempo concreto, um tempo indeterminado ou mais relacionado à narratologia do texto, somente o contexto imediato vai revelar sua função no plano informacional.

Em termos sintático-semânticos, destaca-se a coocorrência desse uso no contexto atípico com verbos apresentacionais. Esses verbos, conforme Ilari e Basso (2014, p. 92), introduzem novos referentes no discurso, são seguidos por um adjetivo ou uma oração relativa, apresentam um único

argumento na posição pós-verbal e esse argumento, geralmente, vem introduzido pelo artigo indefinido e traz uma circunstância de tempo ou de lugar. Os autores enumeram algumas propriedades das construções com verbos descrevem apresentacionais:

- (i) a presença de uma *coda*, representada por um adjetivo ou uma oração relativa; (ii) a posição pós-verbal de seu único argumento; (iii) o fato de que esse argumento é normalmente introduzido pelo artigo indefinido; (iv) a presença, na *coda*, de um circunstancial de tempo ou de lugar.

Verbos apresentacionais têm um caráter verbal esvaziado, introduzem as coisas do discurso, integram uma estrutura composicional equivalente à do verbo haver, são impessoais, invariáveis, não exigem flexão, não concordam com o nome que introduzem (CASSEB-GALVAO, 2015). Segundo Bagno (2013, p. 626), esse tipo de verbo apresenta a coisa para que, adiante, se possa falar dela.

Todas essas características são visíveis nos trechos a seguir em que “um belo dia” aparece introduzido pelo verbo representacional “ser”:

- (4) Era um belo dia ensolarado, quando eu estava no muro de minha casa. De repente, passou o caminhão do Almir Rangel anunciando que no campo do Mundial, (é um campo que se localiza defronte à minha escola) haveria distribuição de ingressos para ir ao parque VI centenário, é o parque do Almir Rangel. A distribuição foi marcada para as 3:00 hs. Quando faltavam poucos minutos para as 3:00hs eu tomei meu banho, me arrumei, me perfumei e fui a tal distribuição. Chegando lá, a distribuição era por tamanho, eu como sou “grandão”, lógico fui quase um dos últimos na fila. Por incrível que pareça. Sabem o que aconteceu? Quando chegou justamente em mim o ingresso acabou, mas o Almir Rangel disse para mim não se preocupar, pois haveria distribuição novamente em outro lugar. Fim (*Corpus D&G, Corpus Rio de Janeiro B*, parte escrita, narrativa de experiência pessoal, século XX).

Nessa ocorrência, o conjunto “verbo + um belo dia” está no início da narrativa, atuando na apresentação dos fatos e tem função parentética, pode ser parafraseado por “um certo dia” e até mesmo por “era uma vez”, se fosse também retirado o adjetivo “ensolarado”, nesse último caso. Entretanto o uso de “um belo dia” não está a serviço de reportar o ouvinte para um mundo mágico, dos contos de fada, mas de situar o leitor em um tempo narratológico, impreciso, na descrição do tempo.

Em uma análise semântica, o sentido é mais ou menos abstratizado, pois a noção de tempo permanece ora mais ligada ao tempo concreto, ora ao tempo mais narratológico, vago, impreciso.

O construto nesse contexto ainda tem uma noção de composicionalidade muito presente, pois por analogização, os *slots* que esse sintagma abre podem ser preenchidos por outros elementos e constituir outras construções parentéticas mais convencionalizadas, por exemplo: “um certo dia”, “um dia”, “um dia qualquer” ou “um qualquer dia”, as quais, devido à sua similaridade morfosintática e semântica, integram um mesmo esquema construcional da rede de formação de “um belo dia”. É o que se explica com as paráfrases a seguir:

- (5) (...) Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou. **Um belo dia**, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma sombra.. Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. (...). (As joias da coroa, Raul Pompéia, *Corpus do Português*, século XIX).
- (6) (...) Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou. **Um dia**, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma sombra.. Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. (...). (As joias da coroa, Raul Pompéia, *Corpus do Português*, século XIX).
- (7) (...) Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou. **Um certo dia**, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma sombra.. Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. (...). (As joias da coroa, Raul Pompéia, *Corpus do Português*, século XIX).
- (8) (...) Ela vai morar com o Pavia algum tempo, diverte-se, sai a passeio com a gente dele, vai ao teatro, coisa que ela nunca provou. **Um dia qualquer**, quando estiver sonhando alegrias nos cômodos agasalhos que lhe reserva o Manuel de Pavia, será visitada por uma sombra.. Conversarão durante várias entrevistas, etc, etc. (...). (As joias da coroa, Raul Pompéia, *Corpus do Português*, século XIX).

Apesar de as estruturas morfológicas terem diferenças, todas apresentam função adverbial que indicam um tempo indeterminado, impreciso e, provavelmente, os falantes, por já terem essas construções mais convencionalizadas, usam também o “um belo dia” nesse ambiente e com esse mesmo significado. A seguir trazemos o último contexto encontrado para a microconstrução “um belo dia”.

Contexto crítico

Em uma análise quantitativa, o contexto crítico foi o mais frequente. Segundo Diewald (2002), na fase crítica ocorre a ativação efetiva do processo de gramaticalização, pois nessa fase a construção apresenta opacidade estrutural e múltiplos significados, o que torna possível a existência de várias interpretações, entre elas, o novo significado gramatical. Na tabela a seguir, da mesma maneira que fizemos nos outros contextos, traçamos as características desse construto nesse estágio de gramaticalização.

Tabela 03 - Tabela contexto crítico.

Contexto Crítico – Total de ocorrências 107		
Parâmetros	Critérios de análise	Total
Posição na oração	Pré-verbal	97
	Pós-verbal	10
Sequência textual	Narrativa	107
	Descritiva	00
Função sintática interoracional	Operador textual	107
Valor Semântico	Sentido + abstratizado, apresenta uma referência textual (abstrata), ligada ao tempo narratológico, cumpre com a função de apresentar o clímax da história.	

Quanto ao primeiro parâmetro de análise, o construto aparece em uma posição anteposta, agora já não ao verbo, mas, na maioria dos usos, à sequência narrativa que introduz. E, em muitos casos, na escrita, é separado por vírgulas e pode vir acompanhado de expressão de realce, como “até que”, e de conjunções adversativas, como se vê, por exemplo, na ocorrência a seguir:

- (9) que é grande, ou belo, ou arrojado, e fingiu ligar interesse ao que ele fazia, ao que ele dizia, ao que ele ganhava, ao que ele pensava e ao que ele conseguia com paciência na sua vida estreita de negociante rotineiro; mas, de repente, zás! faltou-lhe o equilíbrio e a mísera escorregou, caindo nos braços de um boêmio de talento, libertino e poeta, jogador e capoeira. O marido não deu logo pela coisa, mas começou a estranhar a mulher, a desconfiar dela e a espreitá-la, até que **um belo dia**, seguindo-a na rua sem ser visto, o desgraçado teve a dura certeza de que era traído pela esposa, não mais com o poeta libertino, mas com um artista dramático que muitas vezes lhe arrancara, a ele, sinceras lágrimas de comoção, declamando no teatro em honra da moral triunfante e estigmatizando o adultério com a retórica mais veemente e indignada. Ah! não pôde iludir-se..e, a despeito do

muito que amava à ingrata, rompeu com ela e entregou-a à mãe, fugindo em (O cortiço, Aluísio Azevedo, *Corpus do Português*, século XIX).

O uso da expressão de realce “até que” juntamente com o construto “um belo dia” ajuda a alertar o leitor de que o fluxo da narrativa irá mudar, que algo novo está para acontecer. Em (9), há uma gradação semântica verbal que começa no verbo “desconfiar”, depois para o verbo “espreitar” chegando ao ponto máximo que é “seguir”, pois aí o personagem descobre que estava sendo traído pela esposa, apresentando assim o ápice da narrativa, que agora já se encaminha para o desfecho da trama instaurada.

Segundo Neves (2000), a preposição “até” exerce vários papéis semânticos, entre eles a circunstanciação de tempo, em que uma ação/processo/estado chega a um limite final temporal. Analisando-se então a ocorrência por esse viés semântico, percebemos que a preposição “até” em uso conjunto a um belo dia” ajuda a compor um clima de gradação das ações executadas pelo personagem até chegar ao um limite, que foi seguir a mulher.

Em termos de sequência textual, “um belo dia” é muito produtivo em sequências narrativas ficcionais, mais subjetivas, marcando nesse contexto um tempo narratológico.

Em relação à posição sintática, predominantemente, o construto assume uma função de operador textual, não se relaciona mais com verbos e o escopo do construto recai sobre o texto de uma maneira geral. Essa afirmação é possível, pois como já foi mostrado, seu uso dá à narrativa uma outra direção narratológica, há uma mudança significativa no desenrolar dos fatos narrados.

Em relação ao parâmetro semântico, o construto auxilia na progressão textual, organizando o tempo dos eventos, e, juntos, o determinante, o adjetivo e o substantivo formam um todo, nomeado na literatura construcional, como um *chunking* [um belo dia]. Isso é especialmente visível pela sua não composicionalidade, ou seja, a relação entre forma e significado (das partes da forma fonte) é opaca, perdeu a transparência. Uma outra prova, decorrente dessa opacidade, é que uma expressão originalmente de valor positivo (beleza) pode ser recrutada, inclusive, para introduzir eventos negativos, como a traição descrita em (9).

Nesse contexto, “um belo dia” pode ser parafraseado por “de repente”, “repentinamente”, isto é, ele pode indicar ao interlocutor que depois de “um belo dia” haverá uma informação importante da narrativa, não esperada. Isso mudará a direção narratológica. É o que se depreende da paráfrase desse uso parentético, em (10a), a seguir:

- (10) (...) Oh! Posso falar a este respeito. Fui seu amante quatro meses. – E por que a deixou? Aborreceu-se? – Não a deixei. É seu costume; **um belo dia**, sem causa, sem o mínimo pretexto, declara a um homem que as suas relações estão acabadas; e

não há que fazer. Podem oferecer-lhe somas loucas, é tempo perdido. Também no dia seguinte, ou no mesmo, daí a uma hora, toma outro amante que não conhece, que nunca viu. – Todas são assim, com pouca diferença; ninguém sabe qual é o fio que faz dançar essas bonecas de papelão. – Nem tanto. Há mulheres, que, ou por (Lucíola, José de Alencar, *Corpus do Português*, século XIX).

- (10a) (...) Oh! Posso falar a este respeito. Fui seu amante quatro meses. – E por que a deixou? Aborreceu-se? – Não a deixei. É seu costume; **de repente**, sem causa, sem o mínimo pretexto, declara a um homem que as suas relações estão acabadas; e não há que fazer. Podem oferecer-lhe somas loucas, é tempo perdido. Também no dia seguinte, ou no mesmo, daí a uma hora, toma outro amante que não conhece, que nunca viu. – Todas são assim, com pouca diferença; ninguém sabe qual é o fio que faz dançar essas bonecas de papelão. – Nem tanto. Há mulheres, que, ou por (Lucíola, José de Alencar, *Corpus do Português*, século XIX).

Na paráfrase, ao construir relações parentéticas com a locução de tempo “de repente”, a noção de tempo ainda persiste, porém agora um tempo abstratizado e não mais concreto.

Comparando os contextos e traçando o *continuum* de mudança

Ao analisarmos os usos de “um belo dia” nos três contextos: típico, atípico e crítico, constatamos que a microconstrução ainda não chegou ao último estágio da gramaticalização, nomeado por Diewald (2002) de contexto de isolamento, no qual microconstrução ganha um contexto específico e terá a oposição entre os significados velho e novo. Acreditamos que a microconstrução “um belo dia” não apresenta ainda um contexto de isolamento claramente distinto, mas caminha para isso, pois a noção de tempo ainda persiste e, deste modo, não restringe o uso a contextos específicos.

Através das ocorrências obtidas nos corpora, concluímos que os contextos de gramaticalização dessa construção são, típico, atípico e crítico.

E com o intuito de apresentar os micropassos da mudança a partir dos contextos, o que configura um processo de gramaticalização, traçamos o *continuum* de mudança da microconstrução [um + belo + dia] para [umbelodia], em resposta à segunda pergunta de pesquisa:

Esquema 1 – *Continuum* dos usos de “um belo dia”.

Uso concreto abstrato	Uso mais ou menos abstrato	Uso mais abstrato
[[um] [[belo] [dia]]]	[um belo dia]	[umbelodia]

Em síntese, o uso mais concreto pode ocupar posição posposta e/ou anteposta ao verbo, em uma sequência descritiva ou narrativa, se relacionando com verbos de qualquer natureza, em um

período simples, ligando sintagmas. Semanticamente, expressa tempo concreto e físico. Em relação ao uso mais ou menos abstratizado, apresenta-se predominantemente em posição posposta ao verbo, em uma sequência narrativa, compondo uma oração e exercendo função argumental de verbo apresentacional. E, por fim, o uso mais abstrato aparece predominantemente anteposto ao verbo, e em posição e função parentética, iniciando uma sequência narrativa, exercendo função de operador textual. Tem tendência na escrita em vir acompanhado de conjunções adversativas, uma preposição ou ainda uma expressão de realce que destaca algo importante da narrativa, antecedendo o clímax, a informação mais relevante da narrativa. Forma um *chunking*, [um belo dia], um todo, conseqüentemente, a leitura do todo não recupera o significado individual de cada elemento da microconstrução.

Em relação aos parâmetros, “posição na frase”, “sequência textual” e “função textual”. No contexto típico, a microconstrução “um belo dia” pode ocorrer anteposto e posposto ao verbo, uma prerrogativa de sua formação composicional, e pode aparecer tanto em uma sequência descritiva quanto narrativa. O contexto atípico apresenta a microconstrução também anteposta e posposta ao verbo, predominantemente, em uma sequência narrativa, em um adjunto adverbial. No contexto crítico, aparece mais anteposta ao verbo, predominantemente, encabeçando uma sequência narrativa, funcionando como um operador textual.

A fim de ratificar a distinção entre os usos atípico e crítico, trazemos quatro ocorrências do *Corpus Fala Goiana*, nas quais, um mesmo usuário, realiza os usos em contexto atípico e em contexto crítico, revelando que a mudança já está conceitualmente estabelecida no uso e na gramática:

- (11) Inf. Assim... fo... foi eu... eu tava grávida do meu minino mais novo... i:::... não do meu... do meu min... do meu primero minino do Júnior né? qu/eu tava grávida dele... eli::: trabalhava fora... trabalhava numa firma de transporte... primero ele trabaiava num figurifo... aí **um belo dia** ele saía cedo... a gente ficô na casa da minha tia... dessa tia minha que faleceu... a gente ficô lá um tempão... e a gente enfrentô muita dificuldade lá junto com eis... porque... família é assim... é difici família a gente convivê com família assim... não sê pai e mãe... tinha é muito difícil... aí eu falei não num guento mais ficá na casa desse povo não... e eis... que a gente ficá na casa dos/oto a gente tem que ajudá e a gente num tava im condição de ajudá então começava a::: tê uns atrito lá::: e um () falei não nós tem que arrumá um cantim pra nós aí... aí meu esposo arrumô serviço no frigorifo... e **um belo dia** ele ia trabalháqu/ele saía de madrugada... quatro hora da manhã ele tinha que saí... a pé né... pra trabaiá pra í nesse frigorifo lá aí **um belo dia** ele foi... pra í pr/esse frigorifo pra trabalhá... uns... uns marginal lá cercô ele... um dum lado oto dotro ele foi pra travessá os marginal com faca... falei acho que é gente mesmo que gosta de robá né? queria... robá ele e graças a Deus teve um home que... socorreu ele na hora num feis nada mandô ele voltá

pra trais que senão os ladrão ia pegá ele né? aí depois disso ele tomo medo... ele ficô com medo... a gente ficô com medo foi lá na () isso aqui num é pra nós não... nós tem que dá um jeito de i::: embora... num é pra nós... nós num tem nem casa aqui... num tem jeito de nada aqui... cê tá sem... aí ele pegô foi até mandado embora que num foi no serviço né? mandô embora... aí ele arrumô um oto serviço perto da casa do tii dele... aí a gente pegô e falô não agora esse serviço é bão pro cê... cê vai trabalhá nessa firma... firma de transporte... de... alimento... i ele viajava muito aí a gente arrumô um barracão lá perto do tii dele né? (...) i logo ele perdeu o emprego tamém... aí falei não agora nós tem que imbora... que agora tá na época deu ganhá nenê... como cê vai fazê pra pagá parto... pra mim pagá hospital... pagá coletivo... pagá tudo aqui... e quem vai ficá comigo hora qu/eu ganhá esse nenê não vamo embora... aí nós foi... **um belo dia** eu falei não nós tem que imbora aí pôis minha mudança dento do caminhão... aí a gente pegô e veiimboradi volta pra cá pra Goiás... aí a gente ficô i logo eu tive ele né? meu minino que é o Júnior... meu minino mais véi... aí ficô... já ficô aqui diveis...(feminino, 33 anos, *Corpus Fala Goiana*, século XXI).

Em relação ao valor semântico, a análise revelou que no contexto típico o sentido é concreto, de descrição do dia, completando o sentido de qualquer verbo. No contexto atípico, apresenta vinculação tanto com o tempo físico quanto com o tempo narratológico. E no contexto crítico, somente faz referência a um tempo narratológico. O *chunking* foi de tal maneira neoanalisado que o seu sentido não está mais ligado à beleza em si, mas a algo extraordinário, ao diferente, com informativamente novo e inesperado.

No *continuum* de mudança em relação ao percurso construcional narrativo, no contexto típico a microconstrução funciona em uma sequência descritiva, em um período simples, ligando sintagmas. Enquanto que no contexto atípico exerce função na progressão textual, aparecendo em um período composto. E, por fim, no contexto crítico, vem acompanhado de conjunções adversativas ou de uma preposição que destaca algo importante da narrativa, geralmente antecede o clímax da história, funcionando como um operador textual, funcionando na organização da narrativa.

Para melhor revelar a mudança ocorrida na microconstrução, apresentamos uma comparação quanto à funcionalidade dos usos mais concretos e mais abstratos:

Quadro 2 - Funcionalidade da microconstrução.

“Um belo dia” concreto	“Um belo dia” abstrato
Nível oracional	Nível textual
Função primária Atua no nível do predicado Integra um SAdj no esquema de predicado, acrescentando informação na descrição espaço-temporal	Função primária Integra o domínio interoracional, textual
Função secundária A serviço de sequências descritivas	Função secundária Organiza e integra sequência narrativa

Em relação à constituição morfológica, percebemos que, conforme muda o contexto, muda a composicionalidade, pois de uma microconstrução bem composicional, [[um] [[belo] [dia]]], que aceita material interveniente e inversão, no contexto típico, constitui um *chunking* [umbelodia] no contexto crítico. Isso significa que essa microconstrução sofreu um processo de mudança do tipo construcionalização gramatical, formando uma construção procedural, atuando na expressão de relações discursivo-textuais.

O estabelecimento do processo de mudança se deu por atuação de fatores como analogia e iconicidade, pois a nova construção alterou a ordenação sequencial dos elementos na oração, passando a atuar além do contorno oracional, em posição parentética. O *chunking* em função textual tem menos informação conceitual que a forma fonte.

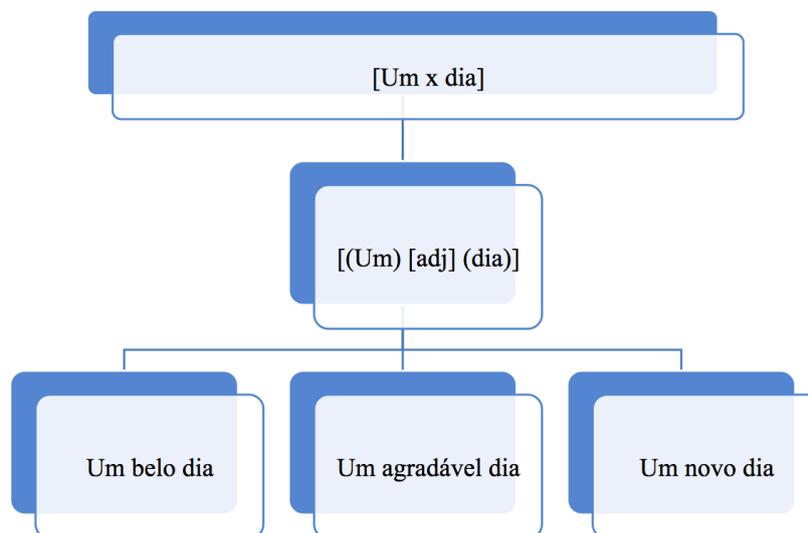
A seguir, em resposta à terceira pergunta, analisamos qual tipo de mudança construcional vem ocorrendo com “um belo dia” tendo como base os fatores hierárquicos previstos por Traugott e Trousdale (2013).

“Um belo dia” e suas redes construcionais hierárquicas

Para traçarmos a rede construcional dos três usos descritos anteriormente, típico, atípico e crítico, recorreremos aos fatores hierárquicos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, a fim de distinguirmos o tipo de mudança construcional que vem ocorrendo com essa microconstrução. O fator produtividade será analisado somente ao final desta seção porque faremos uma análise comparativa de todos os contextos.

A análise dos dados sugere que o uso típico da microconstrução “um belo dia” integra a seguinte rede construcional:

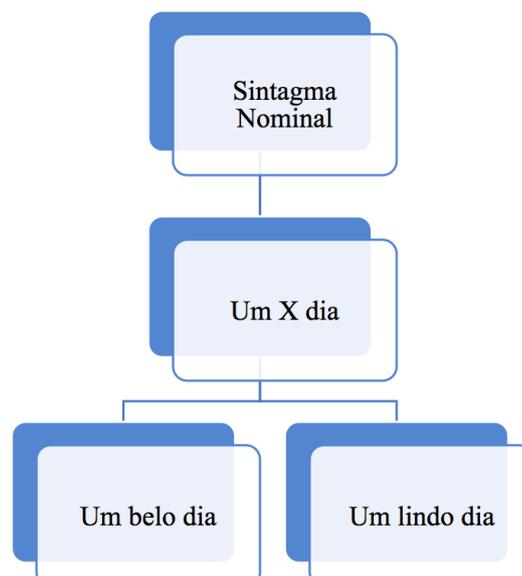
Figura 3 - Rede construcional do uso típico.



Analisando-se a rede construcional hierárquica com base nos fatores previstos por Traugott e Trousdale (2013): esquematicidade, produtividade e composicionalidade, observa-se em relação à esquematicidade, que “um belo dia” é um membro integrante do esquema “um X dia” e dos subesquemas [(Um) [adj] (dia)]. Sendo o X um slot que, geralmente, vem preenchido por um adjetivo.

Já em relação à composicionalidade, esse uso é extremamente composicional, pois a construção é formada por [det + adj + N], e se consegue recuperar o sentido descritivo da expressão. O determinante vem preenchido por “um”, o adjetivo pode ser “belo”, “lindo” etc e o N é sempre “dia”. Uma possível rede de uso mais polissêmico, o uso atípico, tem a seguinte configuração:

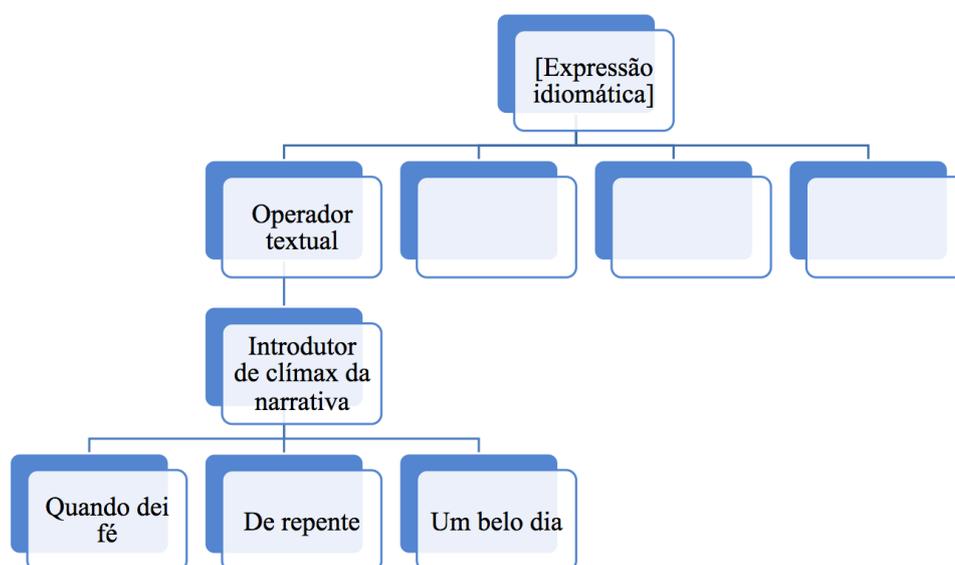
Figura 4 - Rede construcional do uso atípico.



A rede anterior apresenta um caráter polissêmico em relação à noção de tempo pode ser tanto a concreta quanto a abstrata e integra a rede dos “sintagmas nominais” e do subesquema “um X dia”. Em relação ao uso típico, o atípico é mais produtivo, tendo em vista que apresenta mais ocorrências.

Em relação à composicionalidade, ele não é tão composicional quanto o uso típico porque o conceito que expressa já se mostra mais abstratizado, com uma marcação de tempo indeterminada e não mais no sentido descritivo como no uso típico, do qual é possível recuperar o sentido de todas as partes do construto. O uso crítico parece integrar uma rede construcional com a seguinte configuração:

Figura 5 - Rede construcional do uso crítico.



O uso crítico é uma construção idiomática que faz parte do esquema dos operadores textuais e do subesquema “introdutor de clímax da narrativa”. Seu escopo não é mais a oração, como nos usos anteriores, mas uma sequência textual, pois introduz o clímax da narrativa, e, sendo assim, prepara o interlocutor para uma mudança no fluxo narratológico.

Quanto à composicionalidade, conforme o uso vai se abstratizando, o construto se torna menos composicional, chegando a formar um *chunking*, isto é, uma construção única com um todo significativo.

Em relação à produtividade, ao analisar todas as redes anteriores em forma de um *continuum*, a frequência *type* é produtiva, pois a microconstrução teve seus usos estendidos, passou a integrar diferentes padrões construcionais.

Houve uma expansão também na *host-class* (classe hospedeira) dos operadores textuais porque agora, via processo analógico, o falante passou a usar essa microconstrução com sentido semelhante a “um dia”, “de repente”, entre outras, aumentando assim a rede de relações desse construto.

Ademais, houve também um aumento na frequência *token*, uma vez que teve um aumento nas situações de usos em decorrência das novas inferências semântico-pragmáticas proporcionadas pelas novas combinações linguísticas, o que foi possibilitado pela mudança linguística.

A frequência *token* mais produtiva foi no século XIX, com 79 ocorrências. Em um efeito decrescente, tivemos 44 ocorrências no século XX, e 8 ocorrências no século XXI.

Em síntese, conseguimos esboçar as frequências *type* e *token*, além de conseguir traçar as redes construcionais de cada uso encontrado para a microconstrução “um belo dia”, tendo como base os fatores hierárquicos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Entendemos também que o novo uso dessa microconstrução configura um caso de construcionalização gramatical, uma vez que, houve mudança tanto no plano da forma quanto no do significado e devido ao fato desse uso mais abstrato exercer uma função textual, ao relacionar partes do texto, preparando o leitor para o clímax da narrativa.

Algumas considerações

Analizamos a microconstrução “um belo dia”, tendo como embasamento teórico a Linguística Funcional Centrada no uso e a Gramática de Construções. A partir de um levantamento pancrônico dos dados, descrevemos seus contextos de usos no Português Brasileiro, mais precisamente, nos séculos XIX, XX e XXI.

Para responder às perguntas de pesquisas e atingir nossos objetivos descritivistas, elegemos dois parâmetros de análise: os contextos de gramaticalização de Diewald (2002) e os fatores hierárquicos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Com base nesses parâmetros, distinguimos os contextos de produtividade dessa microconstrução, a saber: contexto típico, atípico e crítico, e traçamos o *continuum* de mudança.

Traçamos as redes construcionais dos três usos encontrados e concluímos que “um belo dia” em seu uso mais abstratizado exerce uma função textual, integrando o esquema dos operadores textuais, mais especificamente, dos introdutores de clímax da narrativa. Isso significa que essa microconstrução sofreu um processo de mudança do tipo construcionalização gramatical, formando uma construção procedural, atuando na expressão de relações discursivo-textuais.

Em síntese, os dados do PB contemporâneos analisados revelam que “um belo dia” mais abstrato integra a rede das expressões idiomáticas, concorrendo em preferência com *de repente* e

quando dei por mim, por exemplo, e sua estrutura confirma o princípio funcionalista de que estruturas análogas refletem relações análogas.

Enfim, esta pesquisa pretende contribuir com os estudos de descrição e análise linguística, mais precisamente com os estudos de mudança linguística centrada no uso.

Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos. **A gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BARROS, Déborah Magalhães de. **Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo na fala goiana**. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- CASSEB GALVÃO, Vânia Cristina. Uma contribuição da descrição gramatical para o ensino do português brasileiro em contexto de herança. In: CHULATA, Kátia de Abreu. **O português língua de herança: discursos e percursos**. Pensa multimedia editora, 2015, p. 149-166.
- CORPUS FALA GOIANA. Disponível em: <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>. Acesso em: 20 out. 2015.
- CROFT, William. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, Mark.; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português**. (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>. Acesso em: 25 maio 2015.
- DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA *et al.* (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela; VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. **Delta**, v.15, n.1, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100004&lng=en&nrm=iso%23back. Acesso em: 04 nov. de 2016.
- GOLDBERG, Adele E; JACKENDOFF, Ray. **The english resultative as a Family of constructions**. [S.I.], [2004?]. Disponível em: <https://www.princeton.edu/~adele/papers/Papers/resulttv3h-revised.rtf>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O verbo. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: volume III: classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014.
- LÔBO, Célia Márcia Gonçalves Nunes. **A microconstrução “pois não” no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, UFG. 2017.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística centrada no uso e mudança. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística – uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez. 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura.
Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000

RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela.
Tendências atuais da pesquisa funcionalista.
In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.).
Funcionalismo linguístico: Novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012.

RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela;
SANTOS, Leonardo Pereira dos. Padrões de uso da expressão 'seilá' no português.
Signótica (UFG), v. 23, p. 363-384, 2011.
Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/17529/11016>. Acesso em: 14 jun 2016.

RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela;
VOTRE, Sebastião. (Coord.) **Corpus Discurso e Gramática** – a língua falada e descrita na cidade do Rio de Janeiro. Rio de

Janeiro: UFRJ. Disponível em:
http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_b.pdf. Acesso em: 19 ago. 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs.
Grammaticalization, constructions and the incremental development language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In:
ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard; VEENSTRA, Tonjes. (Ed.) **Variation, Selection, Development:** Probing the Evolutionary Model of Language Change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs;
TROUSDALE, Graeme.
Constructionalization and Constructional Changes. Oxford: Oxford University Press, 2013.